

Sumário

Parte IV (Construção)
Esboços de um mundo melhor
(medicina, sistemas sociais, técnica, arquitetura,
geografia, perspectiva na arte e sabedoria)

33. Um sonhador sempre quer mais	9
34. O corpo se exercita, <i>tout va bien</i>	10
35. Luta por saúde, as utopias médicas	12
<i>Uma cama quente</i>	12
<i>Lunáticos e contos de fadas</i>	13
<i>Medicamento e planificação</i>	14
<i>Hesitação e alvo na verdadeira remodelagem corporal</i>	20
<i>Malthus, índices de natalidade, alimento</i>	25
<i>A preocupação do médico</i>	27
36. Liberdade e ordem, esboço das utopias sociais	28
I – Introdução	29
<i>Uma refeição simples</i>	29
<i>Os pombos assados: ganhar sem trabalhar</i>	29
<i>Também aqui, a insanidade e o romance popular</i>	30
<i>“New Moral Worlds” no horizonte</i>	32
<i>As utopias têm seus roteiros</i>	36
II – Imagens sociais desejanter do passado	38
<i>Sólon e o meio-termo da modéstia</i>	38
<i>Diógenes e os mendigos exemplares</i>	38
<i>Aristipo e os parasitas exemplares</i>	39
<i>O sonho de Platão acerca do Estado dórico</i>	41

<i>Contos de fadas helenistas acerca do Estado, a ilha ensolarada de Jâmbulo</i>	45
<i>O estoicismo e o Estado internacional mundial</i>	47
<i>A Bíblia e o reino do amor ao próximo</i>	52
<i>Agostinho: a Cidade de Deus constituída pelo renascimento</i>	57
<i>Joaquim de Fiore, o terceiro Evangelho e seu reino</i>	64
<i>Thomas Morus ou a utopia da liberdade social</i>	70
<i>Contraparte a Morus: A Cidade do Sol de Campanella ou a utopia da ordem social</i>	77
<i>O questionamento socrático por liberdade e ordem, levando-se em conta a Utopia e a Civitas Solis</i>	83
<i>Continuação: utopias sociais e direito natural clássico</i>	89
<i>Direito natural iluminista em lugar de utopias sociais</i>	95
<i>O Estado comercial fechado de Fichte ou produção e troca de acordo com o direito racional</i>	109
<i>Utopias federativas no século XIX: Owen, Fourier</i>	111
<i>Utopias centralistas no século XIX: Cabet, Saint-Simon</i>	116
<i>Os utopistas individuais e a anarquia: Stimer, Proudhon, Bakunin</i>	123
<i>Castelo de vento proletário do “Vormärz”: Weitfing</i>	129
<i>Um balanço: debilidade e valor das utopias racionais</i>	133
III – Projetos e avanço rumo à ciência	138
<i>Remanescente atual: utopias de grupos burgueses</i>	138
<i>Começo e programa do movimento juvenil</i>	140
<i>A luta pela nova mulher, o programa do movimento feminista</i>	144
<i>Velha terra nova, o programa do sionismo</i>	153
<i>Romances futuristas e utopias globais após Marx: Bellamy, William Morris, Carlyle, Henry George</i>	166
<i>Marxismo e antecipação concreta</i>	174
37. <i>Vontade e natureza, as utopias técnicas</i>	179
I – <i>Passado mágico</i>	180
<i>Precipitado na miséria</i>	180
<i>Fogo e novo armamento</i>	180
<i>O delírio e o conto de Aladim</i>	181
<i>“Professor Mystos” e a invenção</i>	183
<i>As Núpcias químicas de Christian Rosenkretz, do ano 1459, de Andreã</i>	187
<i>Novamente alquimia: mutatio specierum (transmutação das espécies inorgânicas) e sua incubadora</i>	193
<i>Invenções não-regulamentadas e propositiones no período barroco</i>	200
<i>A “Ars inveniendi” [“Arte inventiva ”] de Bacon, a sobrevivência da arte de Lullus</i>	203
<i>Nova Atlântida, o laboratório utópico</i>	208

II – Atualidade e futuro não-euclidianos, o problema da conexão técnica	212
<i>Também os planos precisam ser fomentados</i>	212
<i>Tolhimento burguês tardio da técnica, exceto no domínio militar</i>	212
<i>Perda de organicidade da máquina, energia atômica, tecnologia não-euclidiana</i>	215
<i>Sujeito, matérias-primas, leis e conexão na perda da organicidade</i>	220
<i>O elétron do sujeito humano, da tecnologia da vontade</i>	228
<i>Co-produtividade de um possível sujeito da natureza ou técnica concreta de aliança</i>	240
<i>Técnica sem violação, crise econômica e acidente técnico</i>	245
<i>Gigante algemado, esfinge encoberta, liberdade técnica</i>	250
38. Construções que retratam um mundo melhor, utopias arquitetônicas .	253
I – Figuras da arquitetura antiga	253
<i>Um olhar pela janela</i>	253
<i>Sonhos nas paredes de Pompéia</i>	254
<i>Ornatos festivos e cenários de teatros barrocos</i>	255
<i>A arquitetura do desejo nos contos de fadas</i>	259
<i>A arquitetura do desejo na pintura</i>	262
<i>As guildas de construtores ou a utopia arquitetônica durante a execução</i> .	267
<i>O Egito ou a utopia do cristal da morte, o gótico ou a utopia da árvore da vida</i>	274
<i>Outros exemplos individuais de espaços orientadores na arquitetura antiga</i>	279
II – A construção do espaço vazio	286
<i>Casas novas e claridade real</i>	286
<i>Planos urbanos, cidades ideais e, uma vez mais, efetiva claridade: impregnação do cristal com plenitude</i>	291
39. Eldorado e Éden, as utopias geográficas	299
<i>As primeiras luzes</i>	299
<i>Inventar e descobrir, características da esperança geográfica</i>	300
<i>Novamente contos de fadas, velo de ouro e graal</i>	305
<i>Ilha dos Feacos, o perigoso Atlântico, localização do paraíso terrestre</i>	308
<i>Expedição marítima de São Brentano, reino do sacerdote João; paraíso na América e na Ásia</i>	314
<i>Colombo no delta do Orinoco; a cúpula da Terra</i>	324
<i>A terra do sul e a utopia Tule</i>	329
<i>Habitações melhores em outras estrelas; hic Rhodus</i>	333
<i>A relação copernicana, a “Terra central” de Baader</i>	336
<i>Linha de prolongamento geográfico com sobriedade; o lastro da Terra mediado pelo trabalho</i>	341

40. A paisagem dos sonhos representada na pintura, ópera e literatura	346
<i>A mão movida</i>	346
<i>Flor e tapete</i>	347
<i>Natureza morta formada de seres humanos</i>	347
<i>Embarque para Cítera</i>	348
<i>Perspectiva e horizonte amplo em Van Eyck, Leonardo, Rembrant</i>	350
<i>Natureza morta, Cítera e perspectiva ampla na literatura: Heinse,</i> <i>Romance da rosa, Jean Paul</i>	354
<i>A perspectiva da paisagem dos sonhos na estética; a categoria das matérias</i> <i>artificiais de acordo com a dimensão de sua profundidade e esperança</i>	359
<i>A sobrevivência do domingo na pintura: Seurat, Cézanne, Gauguin;</i> <i>a terra lendária de Giotto</i>	365
<i>Terra lendária na literatura: rosa celestial no Paradiso de Dante,</i> <i>cordilheira transcendente no céu de Fausto</i>	372
<i>Pompa, elísio na ópera e no oratório</i>	379
<i>Contato do interior e do ilimitado no espírito da música:</i> <i>a paisagem dos sonhos de Kleist; a Madona Sixtina</i>	386
41. Paisagem dos sonhos e sabedoria <i>sub specie aeternitatis</i> e do processo ..	389
<i>A busca pela medida</i>	390
<i>O “essencial” na protomateria e na lei</i>	391
<i>Kant e o reino inteligível; Platão, Eros e a pirâmide de valores</i>	394
<i>Bruno e a obra de arte interminável; Spinoza e o mundo como cristal</i>	399
<i>Agostinho e a história teleológica; Leibniz e o mundo como processo de</i> <i>iluminação</i>	405
<i>O conceito vigilante ou o “essencial” como incumbência</i>	414
<i>Duas proposições de sonhos: a virtude possível de ensinar,</i> <i>o imperativo categórico</i>	418
<i>A proposição de Anaximandro ou um mundo que se volta para o idêntico</i>	426
<i>Leveza na profundidade, alegria da luz</i>	431
42. Jornada de oito horas, mundo em paz, tempo livre e lazer	437
<i>O flagelo da fome</i>	438
<i>Das casamatas da burguesia</i>	438
<i>Toda sorte de atenuantes mediante a beneficência</i>	442
<i>Pacifismo burgês e paz</i>	445
<i>Maturidade tecnológica, capitalismo de Estado e socialismo de Estado;</i> <i>Revolução de Outubro</i>	449
<i>Ilusões do tempo livre: preparação para servir à empresa</i>	456
<i>Formas remanescentes mais antigas do tempo livre, deturpadas, porém</i> <i>não sem esperança: hobby, festa popular, anfiteatro</i>	459
<i>O entorno do tempo livre: buen retiro utópico e bucolismo</i>	466
<i>O lazer como alvo de necessidade absoluta, investigado apenas pela</i> <i>metade</i>	472